



ATAS



11-13 OUTUBRO 2018

FACULDADE DE PSICOLOGIA E
DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ATAS do XIV Congresso SPCE

Ciências, Culturas e Cidadanias

COORDENAÇÃO

Ana Maria Seixas (Coord.)

António Gomes Ferreira

Isabel Menezes

Almerindo Janela Afonso

Armanda Matos

Maria Figueiredo

Cristina C. Vieira

Isabel Moio

ISBN

978-989-99775-5-6

Data

Dezembro de 2019

Local de Edição

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Nota: Os conteúdos dos textos integrantes desta obra são da responsabilidade dos/as seus/suas autores/as, não representando necessariamente a posição da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, das Comissões Organizadora e Científica do Congresso e da Coordenação destas Atas.

Apoios



143. VIAS | VISEUINTERAGESTORIES: O PATRIMÓNIO COMO PRETEXTO E CONTEXTO NO DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS INTERGERACIONAIS E DE INCLUSÃO SOCIAL

Cristina Azevedo Gomes¹, Dalila Rodrigues², Lia Araújo³, Cristiana Mendes⁴, Maria Figueiredo⁵

¹*Instituto Politécnico Viseu (PORTUGAL), mca Gomes@esev.ipv.pt*

²*Instituto Politécnico Viseu (PORTUGAL), dalilarodrigues@esev.ipv.pt*

³*Instituto Politécnico Viseu (PORTUGAL), liaaraujo@esev.ipv.pt*

⁴*Instituto Politécnico do Viseu (PORTUGAL), cristiana.mendes@eselx.ipl.pt*

⁵*Instituto Politécnico do Viseu (PORTUGAL), mfigueiredo@eselx.ipl.pt*

Resumo

Um contributo muito importante para a qualidade de vida numa idade mais avançada é a participação em atividades comunitárias e de interação social, que ganham expressão e intensidade quando se concretizam entre diferentes gerações. As práticas intergeracionais permitem o reforço da solidariedade e a coesão social em crianças e idosos. O património de uma cidade, integrando locais de referência, memória e reminiscências de várias gerações de habitantes, afirma-se como contexto natural e facilitador de encontro intergeracional. Por outro lado, reconhecem-se e valorizam-se as oportunidades que a ubiquidade e transparência das tecnologias oferecem no sentido de alargar e expandir as formas de experienciar, viver e apropriar os espaços e ambientes urbanos.

O projeto VIAS | ViseuInterAgeStories pretende desenvolver uma aplicação para dispositivos móveis, que desafie crianças e seniores a criar e partilhar histórias da sua cidade, promovendo práticas de interação colaborativa entre diferentes gerações, aprofundando o sentido de pertença à sua cidade. A partir de uma teia de locais de valor patrimonial, cultural e natural, do centro histórico da cidade de Viseu, as crianças e os seniores são convidadas, enquanto passeiam e interagem com esses locais, a construir as suas histórias sobre e nesses locais, através de uma app. A sobreposição de camadas multigeracionais, em formato multimédia, nesta teia de valor patrimonial, permite a construção colaborativa de significado e (re)significado dos lugares, afirmando um maior sentido identitário da cidade.

Este trabalho apresenta e discute resultados de várias oficinas desenvolvidas no âmbito do projeto VIAS, em contextos não formais, com crianças, de idades entre os 8 e 12 anos, e com seniores, com mais de 65 anos de idade. Numa abordagem metodológica participativa, convocaram-se estes atores para explorar os locais do centro urbano de Viseu com maior significado para os próprios. A partir deste mapeamento foi possível começar a construir colaborativamente, e em interação entre gerações, narrativas sobre vários locais da cidade. As memórias e significados sobre o património desbloquearam práticas intergeracionais onde crianças e seniores se sentiram úteis, ensinando uns aos outros e aprendendo uns com os outros.

Palavras-chave: práticas intergeracionais, património, educação não formal, inclusão social.

Abstract

A very important contribution to the quality of life at a later age is the participation in community activities and social interaction, which gain expression and intensity when they occur between different generations. Intergenerational practices allow reinforcement of solidarity and social cohesion in children and elderly. The heritage of a city, integrating places of reference, memory and reminiscences of several generations of inhabitants, asserts itself as a natural context and facilitator of intergenerational encounter. On the other hand, the opportunities that the ubiquity

and transparency of technologies offer to widen and expand the ways of experiencing, living and sensing urban spaces and environments are recognized and valued.

The VIAS project | ViseuInterAgeStories aims to develop an application for mobile devices that challenges children and seniors to create and share stories of their city, promoting practices of collaborative interaction between different generations, deepening the sense of belonging to their city. From a web of places of heritage, from the historical center of the city of Viseu, children and seniors are invited, as they walk and interact with these places, to build their stories on and in these places, through an app. The overlay of multigenerational layers, in multimedia format, in this web of heritage value, allows the collaborative construction of meaning and (re)meaning of places, affirming a greater sense of identity of the city.

This paper presents and discusses the results of several *workshops* developed under the VIAS project, in non-formal settings, with children aged 8 to 12 years and with seniors over 65 years of age. In a participatory methodological approach, these actors explored the locations of the urban center of Viseu with greater significance for themselves. From this mapping it was possible to begin to construct collaboratively, and in interaction between generations, narratives about several places in the city. Memories and meanings about heritage unlocked intergenerational practices where children and seniors felt useful, teaching to each other and learning from each other.

Keywords: intergenerational practices, heritage, non-formal education, social inclusion.

1. ENQUADRAMENTO

Embora este projeto não tenha como desígnio abordar as problemáticas que a noção de património tem suscitado, e que se têm disseminado e intensificado com particular acuidade no contexto da globalização e das transformações profundas ocorridas nas últimas décadas, o âmbito da educação patrimonial obriga à clarificação de noções e de alguns pressupostos teórico-metodológicos.

Estruturante no processo de conceção e de desenvolvimento deste projeto, a educação patrimonial assume-se como um campo de ação eminentemente interdisciplinar. Em grande medida, é a noção de património que, ao remeter para uma realidade abrangente e inesgotável nas suas relações e conexões, convoca diversos campos disciplinares. Mas esta noção obriga a ir mais longe em termos de exigência metodológica. Não se trata de obter a pluralidade de olhares resultante do envolvimento de diversas áreas do conhecimento, sectorialmente, mas sim de as fazer confluir, e de certo modo redefinir, no encaço de uma perspetiva integrada, que se materializa, em primeira instância, no modo como se observam e problematizam os bens patrimoniais que este projeto considera. Assim, aprender a ver o que nos rodeia (i) assume-se como uma etapa matricial.

Contrariando a ideia de uma dicotomia entre o “natural” e o “cultural” na noção de património, esta abordagem propõe a observação dos dois lugares patrimoniais selecionados – o Fontelo e o Centro Histórico de Viseu – numa perspetiva global. Dito de outro modo, a noção de património é necessariamente ecossistémica, relacional e dinâmica. Assim, a dimensão operativa da noção de património assume outro alcance, ou seja, vai muito além do monumento para contemplar, do objeto para estudar, do vestígio cultural para musealizar ou “fossilizar”. O natural e o cultural, o ambiente e a cultura, o ser humano e o seu envolvente fazem parte de uma só realidade.

O Fontelo, conhecido pela sua mata extensa e frondosa, é um dos lugares da cidade de Viseu mais apreciados pelos que gostam da natureza e praticam desporto. Porém, a maioria dos viseenses desconhece a história fascinante e o valor patrimonial deste lugar (Couto, 1991). As árvores raras e valiosas, sendo atualmente uma referência botânica nacional (Pereira, Lopes & Pinho, 2006), relacionam-se com o antigo paço episcopal, com os seus jardins renascentistas de traçado regular, com fontes, tanques, flores e pássaros. Em plena mata surpreende-se não apenas a grande diversidade de animais, mas também os vestígios materiais, abandonados e de destino incerto, de uma cultura artística erudita e altamente sofisticada (Rodrigues, 2016). Do mesmo modo, a importância do centro histórico não se deve apenas à qualidade artística dos monumentos que o configuram, à antiguidade da sua estrutura urbanística ou à tipicidade das expressões culturais que aí sobrevivem. Será tudo isto e muito mais se o esforço de apropriação for global, desde logo, se o natural e o cultural não forem seccionados como fazendo parte de realidades distintas. A arquitetura do centro histórico, por exemplo, é granítica e não calcária. No património gastronómico da região é a carne e não o peixe que assume protagonismo. Aprender

a ver o que nos rodeia implica a capacidade de identificar a complexidade e o esforço de estabelecer, no seu estudo interdisciplinar, uma correlação dinâmica entre diversos olhares, noções e saberes, ou entre olhares e noções de diversas áreas do saber.

A prática de observar favorece, fundamentalmente, a apropriação de dois conceitos-chave: o lugar e o tempo. É fundamental a ideia de que o ambiente preservado, um ecossistema em equilíbrio, é património a preservar. Do mesmo modo, é essencial reconhecer que o património de um determinado lugar foi idealizado e construído por alguém, em determinado momento, em certas circunstâncias, para determinados fins, e que poderá mudar (e que já mudou) de acordo com novos critérios, usos, circunstâncias ou interesses. Sendo a noção de identidade essencialmente dinâmica (as identidades constroem-se e reconstroem-se no decurso do tempo), tal como a noção de património, é indispensável que o ato de ver perscrute a dimensão histórica.

Aprender a interpretar (ii), etapa fundamental, remete para a necessidade de exercitar capacidades de observação e de análise crítica da realidade que nos rodeia. Implica a identificação de mudanças e de permanências e suscita a procura, a indagação, a busca de conhecimento.

A diversidade etária, socioprofissional e geográfica dos participantes deste projeto permite trabalhar a ideia de que o nosso conhecimento, as nossas experiências e vivências dos lugares afetam os nossos modos de os ver, a nossa forma de os interpretar e de agir sobre eles. A identificação da diversidade e a interação prática entre diferentes modos de ver e de interpretar os bens patrimoniais proporcionará experiências de descoberta e de conhecimento.

Aprender a fruir e a proteger (iii) assume-se, neste projeto, como uma etapa fundamental. A fruição plena e a proteção pressupõem conhecimento, pois só é assumido como património o que suscita o interesse de um coletivo de pessoas, de uma comunidade. Por sua vez, o conhecimento e a proteção dos bens patrimoniais deverá ser um prazer e não uma obrigação ou um fardo (Rossa & Ribeiro, 2015). A educação patrimonial tem um papel fundamental e deverá ter consequências cabais e espontâneas no âmbito das práticas quotidianas de cidadania. Como reconhecer e compreender o território, os lugares, as paisagens, designadamente nas dimensões fenomenológica e simbólica, sem lhes conferir valor patrimonial e sem pugnar pela defesa do seu equilíbrio ecossistémico? O grande desígnio é a impossibilidade de ficar indiferente perante qualquer tentativa de destruição, de degradação ou de “normalização” do património, no sentido mais lato da noção.

Atualmente, fenómenos de desconstrução territorial levam à afirmação do património como um troféu identitário. Porém, nem sempre este processo conduz a bons resultados. À escala mundial, o património e o exercício da patrimonialização surgem como uma reação contra a desterritorialização, procurando evitar o efeito do espaço “transacional” e da hiper-mobilidade, o que é compreensível e em certa medida desejável. Porém, na era da globalização e do turismo massificado, o sentido e os desígnios da musealização e da patrimonialização, sendo fundamentalmente, quando não em exclusivo, de ordem economicista, ignoram regras de conservação e experiências de conhecimento e de verdadeira fruição (Rodrigues, 2017). Com efeito, haverá que não esquecer que a busca de singularidade, a invenção de património como forma de exercer atração turística pode levar a fenómenos de falsificação e de folclorização da história. A gentrificação dos centros históricos e os processos de reinvenção e falsificação são uma realidade ou uma ameaça que se deve evitar a todo o custo. Não raras vezes, retiram-se do uso e musealizam-se bens patrimoniais que devem ser usados, vividos e valorizados na dimensão da função e do conhecimento. Em termos patrimoniais, esta preocupação está presente no desenvolvimento deste projeto.

1.1. Património como pretexto de encontros intergeracional

A exploração entre gerações dos locais permite uma reflexão conjunta sobre a cidade em que cresceram e vivem, repleta de informações culturais e, sobretudo, de significados pessoais (Silva, Nisi, & Straubhaar, 2017).

A reminiscência intergeracional é uma forma de transmitir a herança das tradições, através de conversas sobre memórias, dados autobiográficos e experiências na primeira pessoa, que possibilita uma perspetiva mais intimista e pessoal na transmissão do conhecimento histórico e patrimonial (Gibson, 2004). Quando associada aos locais que nos rodeiam, pode contribuir para que os jovens se interessem mais sobre as tradições da sua comunidade, aumentando o desenvolvimento de sentimentos de pertença à mesma. Assim o demonstra Gaggioli e colegas (Gaggioli, Morganti, Bonfiglio, & Riva, 2014) num estudo sobre os potenciais efeitos dos grupos de reminiscência intergeracional, ao qual se acrescentam, para os mais velhos, a redução da

solidão emocional e o aumento de sentimentos de união e intimidade associados à partilha de eventos significativos do passado.

Mais recentemente, tem-se vindo a explorar o papel das tecnologias digitais enquanto mediadoras das relações e trocas intergeracionais, nomeadamente na forma como podem contribuir para aumentar a compreensão, construir relacionamentos e facilitar a cooperação ao longo do ciclo de vida entre gerações que estão envelhecendo juntas numa variedade de contextos comunitários e contextos familiares onde as tecnologias se afirmam cada vez mais (Gamliel & Gabay, 2014; Kaplan, Sánchez & Bradley, 2015). O aumento do interesse, a maior estimulação para conversas e intercâmbios, o manter os participantes envolvidos e a documentação e registo das interações foram algumas das potencialidades das tecnologias apontadas por Kaplan e colegas (2015) numa revisão de 46 programas intergeracionais com uso de tecnologias.

Nos estudos de Armstrong (2012) e Chondody e Wang (2013), ambos sobre o uso de plataformas digitais para promover a partilha de histórias e memórias entre gerações, para além dos benefícios ao nível da diminuição de estereótipos entre diferentes gerações já amplamente documentados em vários estudos sobre intergeracionalidade, verifica-se a mais-valia destas experiências na criação de sentimento de pertença à comunidade, na maior compreensão e orgulho dos locais. No caso específico do Historypin, os participantes sentiram que fazem parte de algo que é valioso para si e para a comunidade local e global, colocando importância na partilha através das gerações, pois de outra forma elas podem ficar perdidas (Armstrong, 2012).

O projeto VIAS – ViseuInterAgeStories promove práticas de interação colaborativa intergeracionais, desenvolvendo um maior sentido de pertença a uma comunidade, sustentando estilos de vida mais saudáveis e inclusivos. Pretende-se desenvolver uma aplicação para dispositivos móveis (app), que desafie crianças e seniores a criar histórias sobre a sua cidade, Viseu, enquanto passeiam e interagem com locais de valor patrimonial. Nesse sentido, procura (re)visitar a experiência de ver, interpretar e fruir e proteger numa abordagem ecossistémica sobre o património, conduzida no encontro intergeracional.

2. METODOLOGIA

2.1. Contexto e participantes

Considerando a abordagem de *design* participativo do projeto VIAS | ViseuInterAgeStories e o cenário escolhido para o seu desenvolvimento (Gomes et al., 2017), desenvolveram-se 3 oficinas exploratórias com crianças e seniores da cidade de Viseu. Estas *workshops* ajudaram a perceber em que medida a exploração do património e das histórias sobre os locais é um contexto interessante para a desenvolvimento de práticas intergeracionais. Por outro lado, explorou a definição de requisitos e do modelo conceptual da app no sentido de promover melhores trajetos de inclusão digital (Gomes et al., 2018).

Os participantes foram angariados de forma voluntária. No caso dos mais velhos, convidaram-se alunos da Universidade Sénior de Viseu e, no caso das crianças, admitiram-se inscrições por parte dos pais, a partir de uma rede de proximidade da Escola Superior de Educação de Viseu (ESEV). A idade dos participantes varia entre uma média de 9-10 anos, no caso das crianças, e de 66-72, no caso dos mais velhos. O maior desvio padrão verificado no “*workshop 1*” deve-se à colaboração de uma avó mais jovem de uma das crianças participantes. Tem sido difícil envolver mulheres seniores nestas atividades. Em alguns casos as crianças são netas de seniores participantes. A tabela 1 caracteriza os participantes nos 3 *workshops*.

Tabela 1. Participantes C (criança) e S (senior)

	Workshop 1		Workshop 2		Workshop 3	
	C	S	C	S	C	S
	13	10	6	8	6	8
\bar{x} idade	9,7	66,4	9,0	71,0	10,2	71,6
DP	2,1	10,0	2,3	5,5	1,6	6,7
M (%)	31%	90%	67%	75%	33%	100%

Para além da participação das crianças e dos seniores, os *workshops* contaram com a colaboração de alunos voluntários dos cursos de formação de professores e de educação social. Estes alunos foram fundamentais no acompanhamento e monitorização das atividades intergeracionais. As crianças e seniores foram organizadas em grupos de 1 ou 2 crianças com 1 ou 2 seniores. Cada grupo intergeracional de 2, 3 ou 4 elementos foi acompanhado por um estudante voluntário.

O primeiro *workshop* teve como principais objetivos mapear locais de valor patrimonial cultural e natural do centro histórico de Viseu com significado para as crianças e para os idosos e avaliar dinâmicas e interações entre crianças e jovens na construção de narrativas colaborativas sobre locais de Viseu. Desenvolveu-se numa biblioteca de escola. Crianças e seniores foram desafiadas a identificar no mapa de Viseu os locais da cidade que mais gostam. A partir deste levantamento, constituíram-se os grupos para contarem histórias sobre o seu local de eleição, utilizando de forma livre tablets, laptop, papel e lápis.

O segundo e terceiro *workshops* decorreram ao ar livre, com os mesmos objetivos de: avaliar dinâmicas de colaboração intergeracional na criação de histórias com telemóveis sobre e nos locais de Viseu e testar a adequação da app “track kit” para a concretização deste desafio intergeracional. A diferença mais significativa destes dois *workshops* relaciona-se com o seu cenário de desenvolvimento. No segundo workshop, crianças e seniores deambularam pelo centro histórico de Viseu para depositarem as suas histórias, enquanto que no terceiro as histórias foram contadas no parque do Fontelo. Nestes casos, crianças e seniores utilizaram telemóveis, com GPS e a app “track kit”, para narrarem histórias em formato multimédia, integrando texto, imagem ou som.

2.2. Desenvolvimento e recolha de dados

Crianças e seniores envolveram-se ativamente na resposta aos desafios colocados nos três *workshops*. Os contextos não-formais e a liberdade dada a cada grupo não inibiram a concentração e o foco na elaboração das histórias. A utilização da tecnologia facilitou a interação entre crianças e seniores, ultrapassando a ideia de que as tecnologias são fator de afastamento intergeracional. Todos os grupos contaram várias histórias sobre os locais recorrendo a texto, narração em áudio e a imagens para as suas narrativas

A figura 1 representa um mosaico de imagens dos 3 *workshops* em cenários distintos e pretende ilustrar o ambiente e dinâmicas desenvolvidas.

W1



W2



W3



Fig. 1. Atividades: W1 – biblioteca; W2 – centro histórico; W3 – Parque do Fontelo

A recolha de dados foi feita com base na observação naturalista dos investigadores do projeto, na análise de conteúdo das histórias produzidas e com a aplicação de um pequeno questionário aos participantes. Para o caso deste estudo, e no sentido de validar o significado do património para as práticas intergeracionais, foi indagado se o conteúdo das histórias incidia sobre a história do local ou sobre histórias pessoais no local. Igualmente, no sentido de validar a autenticidade das práticas intergeracionais, crianças e seniores foram questionadas sobre o que tinham aprendido e ensinado aos mais velhos ou aos mais novos.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

As histórias depositadas nos vários locais da cidade de Viseu são muito diversificadas. Sobre o mesmo local, como por exemplo na Sé de Viseu, coexiste uma descrição sobre a evolução do edifício e do significado de uma relíquia do interior da Sé, com histórias pessoais de festas de família. No Fontelo, os seniores recuperam a memória dos piqueniques de família e de um local de eleição de lazer e de contacto com a natureza, enquanto as crianças vivem o espaço em função da prática de várias modalidades desportivas que os atuais equipamentos desportivos permitem. No Rossio, um avô recorda como ali viveu as manifestações tensas na altura do “PREC”, como soldado do regimento da cidade, enquanto o seu neto associa ao mesmo local os momentos de lazer vividos com o seu padrinho. A análise de conteúdo das várias histórias permite concluir que crianças e seniores preferem narrar acontecimentos pessoais sobre os locais da cidade. Os seniores contam mais histórias que as crianças e em maior equilíbrio entre histórias dos locais e as suas histórias nos locais. Apenas duas histórias misturam estas duas abordagens. A tabela 2 apresenta o número de histórias por tipologia.

Tabela 2. Tipos de histórias contadas por crianças (C) e seniores (S)

	C	S
História do local	2	21
História Pessoal sobre o local	19	21
História do Local + Pessoal sobre o local	1	1
	22	43

O gráfico 1 evidencia as diferentes proporções de ocorrências em função da tipologia para crianças e seniores. As histórias sobre os locais são essencialmente contadas pelos seniores, enquanto o número de histórias pessoais sobre os locais é aproximado para as duas gerações.

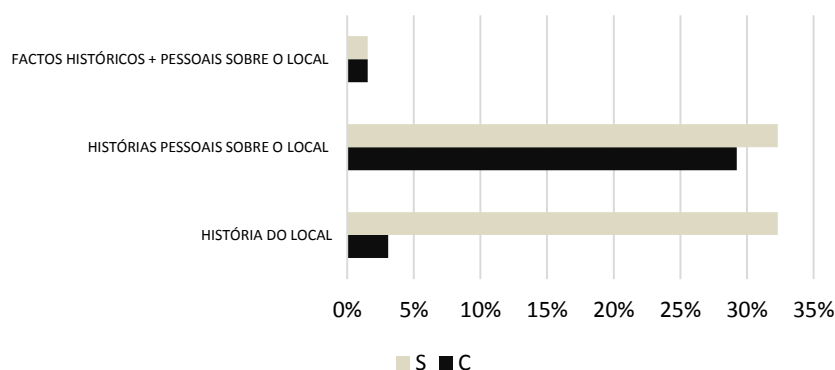


Gráfico 1. Percentagem de ocorrências de histórias contadas pelos seniores (S) e pelas crianças (C)

Quando inquiridos sobre o que ensinaram e aprenderam, crianças e seniores identificam aspetos mais gerais sobre a história e património da cidade, mas também aspetos relacionados com as suas vivências e memórias. Um sénior reconhece que “Partilhei apenas o que sentia em relação a determinado sítio – Fontelo – e foi muito bom relembrar o sentimento que nutro por esse lugar”. Outro fala da sua experiência profissional relacionada com um local da cidade. Por outro lado, lembram a estação de caminho-de-ferro ou do antigo mercado, locais que desapareceram ou foram requalificados. As crianças reconhecem como o parque do Fontelo “foi alterando, as suas atividades atuais e memórias que havia em comum” ou a evolução do mercado “a evolução, principalmente do Mercado 2 de maio, ao longo do tempo. Percebi que com o passar dos anos aquele local passou de um sítio onde se compravam os mais diversos alimentos ao que é hoje – um sítio turístico para ser visitado”, ou ainda a existência da antiga estação, ao ser referido por um participante que “Aprendi os nomes dos comboios – locomotoras e automotoras –, conheci em fotografias a Estação de caminhos-de-ferro de Viseu”. Um sénior reconhece que se tornou mais sensível à flora do parque: “Flora era um pormenor que me escapava, e acabei por tomar melhor conhecimento com recurso a estas interações”. A tabela 3 apresenta a análise das respostas de crianças e idosos sobre o que aprenderam e ensinaram tomando como referências os factos sobre os locais e as histórias pessoais.

Tabela 3. Percepção sobre o que crianças (C) e seniores (S) aprenderam e ensinaram

	C	S
História do local	30	13
História Pessoal sobre o local	2	9
História do Local + Pessoal sobre o local	3	5
	35	27

O gráfico 2 evidencia a relação das percepções que crianças e seniores explicitam sobre o que aprenderam e ensinaram.

Regista-se que, embora o maior número de histórias seja sobre factos pessoais relacionados com os vários locais da cidade de Viseu, seniores e, sobretudo, crianças valorizam o que aprenderam e ensinaram sobre as histórias dos locais. Importa salientar que em nenhum momento é referido que crianças ou seniores tenham ensinado ou aprendido algo sobre tecnologia. Embora se infira da observação naturalista que crianças e seniores trabalharam com a tecnologia e que sobretudo os seniores foram descobrindo funcionalidades dos dispositivos que utilizaram, esta não se assumiu como o foco das tarefas propostas.

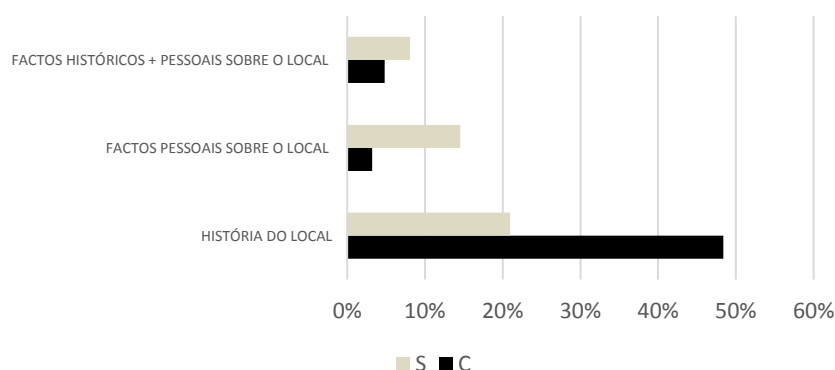


Gráfico 2. Percentagem de ocorrências sobre o que aprenderam e ensinaram pelos seniores (S) e pelas crianças (C)

Releva-se a evidência da mútua valorização de crianças e seniores sobre o que aprenderam e ensinaram sobre o património à outra geração durante os vários *workshops*.

4. CONCLUSÃO

O projeto VIAS é um projeto interdisciplinar que pretende promover, pela exploração de uma app para contar histórias sobre locais de Viseu, práticas intergeracionais que contribuam para a afirmação identitária de uma comunidade e para o bem-estar e inclusão social de seniores e crianças.

Neste trabalho exploraram-se questões conceptuais sobre o(s) conceito(s) de património na sua dimensão ecossistémica relacional e dinâmica, esteio da ideia de que os bens patrimoniais devem ser usados, vividos e valorizados na dimensão da função e do conhecimento. Nesse sentido, o projeto VIAS convoca para cenário de encontro intergeracional o património da cidade de Viseu. Na convicção de que as identidades constroem-se e reconstróem-se no decurso do tempo, e que se torna fundamental que o ato de ver e fruir também perscrute a dimensão histórica, o projeto convida à construção de histórias colaborativas sobre a cidade. As atividades desenvolvidas ao longo de 3 *workshops* permitiram avaliar a importância de trabalhar estes conceitos numa perspetiva intergeracional.

O património foi pretexto de encontro entre gerações, na medida em que crianças e seniores produziram colaborativamente várias histórias multimédia sobre locais com valor patrimonial da cidade de Viseu. A diversidade das histórias contribui para a clarificação do conceito de espaço e de tempo. As reminiscências e memórias dos mais velhos convidam outros olhares e apropriações sobre os espaços e lugares patrimoniais. As histórias e as respostas aos questionários analisados permitem identificar estas dinâmicas onde as crianças valorizam o que aprenderam sobre o património da cidade. Por outro lado, foi visível o percurso de reconhecimento e afirmação identitária feito por crianças e seniores, enquanto exploravam e contavam as suas histórias sobre os locais da cidade.

O desenvolvimento da app do VIAS permitirá ampliar a participação de grupos intergeracionais no aumento de camadas multimédia com histórias sobre o património de Viseu, revisitando significados e atribuindo novos sentidos aos lugares da cidade.

AGRADECIMENTOS

O projeto VIAS | ViseuInterAgeStories (CENTRO-01-0145-FEDER-023485) é financiado pelo FEDER (PORTUGAL2020).

REFERÊNCIAS

- Armstrong, N. (2012). Historypin: Bringing Generations Together Around a Communal History of Time and Place. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10(3), 294-298.
- Chonody, J., & Wang, D. (2013). Connecting Older Adults to the Community Through Multimedia: An Intergenerational Reminiscence Program. *Activities, Adaptation & Aging*, 37, 79-93.
- Couto, A. P. (1991). *Fontelo - Subsídios para a sua História*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu.
- Gaggioli, A., Morganti, L., Bonfiglio, S., & Riva, G. (2014). Intergenerational Group Reminiscence: A Potentially Effective Intervention to Enhance Elderly Psychosocial Wellbeing and to Improve Children's Perception of Aging. *Educational Gerontology*, 40, 486-498.
- Gamliel, T. & Gabay, N. (2014). Knowledge Exchange, Social Interactions, and Empowerment in an Intergenerational Technology Program at School. *Educational Gerontology*, 40(8), 597-617.
- Gibson, F. (2004). *The past in the present: Using reminiscence in health and social care*. Baltimore, MD: Health Profession Press.
- Gomes, C., Araújo, L., Figueiredo, M., Morais, N. S., Pereira, J., Rito, P., Ferreira, S., & Gouveia, T. (2017). VIAS | Viseu InterAge Stories: developing an app to foster Social Inclusion and Healthy Lifestyles. *International Symposium on Computers in Education (SIIE)* (pp. 1-5) Lisbon, Portugal. doi: 10.1109/SIIE.2017.8259663
- Gomes, C., Ferreira, S., Gouveia, T., Morais, N. S., Pereira, J., Rito, P. & Sousa, B. (2018). Intergenerational Participatory Design: contributions to the development of an App. *2017 International Symposium on Computers in Education (SIIE)*. Cadiz, Espanha.
- Kaplan, M., Sánchez, M. & Bradley, L. (2015). Conceptual Frameworks and Practical Applications to Connect Generations in the Technoscape. *Anthropology & Aging*, 36(2), 182-205.
- Pereira, R., Lopes, L. & Pinho, R. (2006). *Património histórico e botânico do Fontelo: um contributo para actividades de educação ambiental em espaços urbanos*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu.
- Rodrigues, D. (2016). A cidade e a catedral (séculos XVI e XVII). In J. Paiva (Coord.), *História da Diocese de Viseu* (Vol. 2). Viseu: Diocese de Viseu e Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, D. (2017). Uma reflexão crítica sobre o património artístico, in *Actas do XII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões De Cister a outros espaços e caminhos: as Beiras e as suas expressões histórico-culturais*. Mosteiro de São Cristóvão de Lafões.
- Rossa, W., & Ribeiro, M. C. (2015). *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Silva, C., Nisi, V., & Straubhaar, J. (2017). Share yourself first: exploring strategies for the creation of locative content for and by low-literacy communities. In *Proceedings of the 8th International Conference on Communities and Technologies (C&T '17)*, 10 pages. DOI: 10.1145/3083671.308369